

BEM-VINDOS AO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: TRANSIÇÕES ESCOLARES E JUVENTUDE

Jessica de Almeida Cunha¹ e Marianna de Almeida Cunha²

¹Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT IFAM

biojessicacunha@gmail.com

²Biblioteca Pública Rodolfo Dietschi, mariannadealmeidacunha@gmail.com

RESUMO

Discute a relação entre as transições escolares e a juventude, em especial a transição do ensino fundamental para o ensino médio integrado à educação profissional. Dialoga com autores que falam sobre transição escolar, juventude e ensino médio integrado. Descreve efeitos negativos causados pela transição escolar nos âmbitos institucional e psicossocial dos indivíduos em transição e estabelece a sincronicidade das mudanças enfrentadas pelos jovens como um ponto crítico na vida dos mesmos. Caracteriza juventude como uma categoria sócio-histórico dependente. Aborda que a visão do papel da escola como o de preparar os jovens para o futuro reforça o estigma de transitoriedade da juventude e conduz ao distanciamento entre escola e realidade do jovem. Aponta que a heterogeneidade de juventudes impossibilita sua rigorosa caracterização e critica a universalização da categoria aluno. Explica a EPTNM como uma integração entre ensinos médio e técnico que visa uma formação humana completa. Salienta dificuldades enfrentadas pelos estudantes quanto a transição para o EMI, em especial relacionadas ao aumento da carga horária, perda e construção de novos vínculos. Conclui que para que ocorra a formação humana integrada é necessário um acolhimento empático por parte dos profissionais do EMI, que considere os conflitos vivenciados pelos jovens de forma a auxiliar seu momento de adaptação. Incentiva a busca por práticas que possam auxiliar a diminuir os impactos negativos das transições.

Palavras-Chave: Etapas escolares. Trajetória estudantil. Adaptação escolar. Relação juventude e escola. Ensino integrado.

ABSTRACT

This paper discusses the relations between school transitions and youth, especially the transition from elementary education to secondary education integrated with vocational education. It presents authors who addressed school transition, youth and integrated high school. It describes the institutional and psychosocial negative effects caused by school transition and establishes the synchronicity of the changes faced by young people as a critical point in their lives. It characterizes youth as a socio-historical dependent concept. It addresses that the idea that the school's role is preparing young people for the future reinforces the stigma of transience of the youth and leads to distancing between school and the reality of the young. It points out that the heterogeneity of youth makes it impossible to rigorously characterize and criticizes the universalization of the student category. It explains the Technical Professional Secondary Education as an integration between high school and technical education that aims at a complete human formation. It highlights difficulties faced by students regarding the transition to Integrated Secondary Education, especially related to the increase in the workload, loss and construction of new bonds. It concludes that in order for integrated human formation to occur, an empathic welcome from the Integrated Secondary Education professionals is necessary, considering the conflicts experienced by young people in order to help their moment of adaptation. And it encourages the search for practices that can help reduce the negative impacts of transitions.

Keywords: School stages. Student trajectory. School adaptation. Relationship between youth and school. Integrated teaching.

INTRODUÇÃO

As transições são momentos de mudanças comuns na vida de qualquer pessoa, que acabam por exigir algum tipo de adaptação. Na trajetória escolar, os estudantes passam por diversos momentos de transição, como a passagem

de uma etapa de ensino para outra algumas vezes acompanhada da mudança de escola e/ou rede de ensino, sendo esses momentos delicados podendo ocasionar tanto crescimento como ruptura. Nesse sentido, tentamos responder nesse artigo a seguinte questão: quais são os principais desafios dos jovens em sua transição do ensino fundamental para o ensino médio integrado à educação profissional?

Para isso, será abordada num primeiro momento a relação entre transição escolar e as juventudes, tentando identificar quais são as principais adversidades encontradas nos momentos de transição escolar e qual a relação entre juventude e escola de maneira geral. Num segundo momento faremos uma exposição sobre o ensino médio integrado, as diferenças encontradas entre ele o ensino fundamental, os desafios aos ingressantes e uma reflexão sobre medidas que possam auxiliar esses períodos de transição.

Em vista de nossa temática, busca-se dialogar com autores que falem sobre transição escolar, juventude e ensino médio integrado através de uma abordagem metodológica teórica, reflexiva e investigativa, com o objetivo de ponderar sobre o fenômeno da transição, identificando seus desafios e formas de auxiliar a diminuir os efeitos negativos do processo, principalmente quanto à transição para o ensino médio integrado.

1 TRANSIÇÕES E JUVENTUDES

Em um sentido amplo, o termo transição se refere às situações de mudança, tratando-se de um fenômeno multifacetado a partir de fatores estruturais, individuais ou subjetivos (SALES; HEIJAMANS; SILVA, 2017). As pessoas, ao longo de suas vidas, passam por diversos processos de transição de cunho pessoal, profissional, social, familiar, escolar, religioso, entre outros (VANZUITA; PEREIRA; ZLUHAN; RAITZ, 2016).

Toda transição é marcada por mudanças que gerarão necessidade de adaptação. Elas trarão diferentes sentimentos e diferentes modos de se adaptar ao novo. Cada sujeito acaba desenvolvendo estratégias próprias para atenuar os efeitos negativos dessas mudanças, mas também podem contar

com o auxílio de outros sujeitos para que essas adaptações ocorram de forma positiva (VAZ; RIBEIRO; CEZAR, 2018). Embora as transições sejam parte do curso da vida de qualquer indivíduo, elas se apresentam de maneira especialmente significativa quando os sujeitos estão passando por transições escolares (GOMES, 2018).

Os períodos de transição são frequentes na trajetória estudantil e ocorrem em diversos momentos, desde a transição dos tempos de aula com a troca do professor e/ou disciplina (VANZUITA; PEREIRA; ZLUHAN; RAITZ, 2016) até a passagem de um ano letivo para o outro, a passagem de um etapa escolar para outra ou mesmo a mudança de uma escola para outra (AZEVEDO, 2017).

Em relação aos jovens, algumas das transições enfrentadas por eles são relacionadas ao desenvolvimento, como mudanças físicas, intelectuais e emocionais, e outras são sistêmicas, como a passagem de uma etapa educacional para outra. Considerando que essas transições ocorrem simultaneamente, podemos de antemão perceber que essas mudanças são um momento crítico na vida dos jovens. Sendo assim, as transições, devido às continuidades e descontinuidades na escolarização, podem tanto ser incentivo para crescimento quanto um ponto de ruptura para os estudantes (GOMES, 2018). Conforme Sales, Heijmans e Silva (2017) as desigualdades escolares também se acentuam nas transições, sendo os jovens oriundos de famílias menos escolarizadas e classes sociais menos abastadas os mais vulneráveis a isso.

A travessia do ensino fundamental para o ensino médio é, comumente, seguida por processos psicossociais relevantes. As novas solicitações educacionais relacionam-se com mudanças institucionais (como transferência de escola), mudanças sociais (como maior participação em ambientes sociais) e mudanças psicológicas (como a construção de identidade e posicionamentos) que podem provocar desestabilizações nos indivíduos em transição (GOMES, 2018). Alguns desafios encontrados são a insegurança por estar em um novo local, a necessidade de adaptação a novos horários, novas disciplinas, além das questões próprias da juventude (VAZ; RIBEIRO; CEZAR, 2018). Conforme Gomes (2018) os fatores de risco associados às transições

escolares envolvem, num nível macro, a classe social e grupos minoritários, no nível meso as relações familiares, amigos e namoros, o currículo e a pedagogia adotados pela instituição escolar e, em nível micro, a saúde mental, o isolamento e possíveis quedas no desempenho escolar.

No processo de transição são identificados em vários jovens a queda de autoestima, queda no desempenho acadêmico e aumento da ansiedade social levando a um aumento na probabilidade de evasão (GOMES, 2018). Crepaldi; Correia-Zanini e Maturano (2017), também perceberam que, em momentos de transição, ocorre um aumento da vulnerabilidade ao estresse entre os indivíduos. De acordo com Andrade (2017), a transição pode inclusive ser um momento de luto para muitos jovens pela separação do grupo com o qual socializavam no ensino fundamental e que normalmente toma rumos diversos para o ensino médio.

De acordo com Gomes (2018), o papel das instituições escolares nesses momentos de ruptura e transição dos estudantes ainda é um aspecto que precisa ser melhor investigado. Conforme Caú e Oliveira (2019) um dos maiores desafios atuais das escolas é aprender a reconhecer que o jovem que chega à escola já traz toda uma bagagem de experiências que foram apreendidas e produzidas em diversos espaços sociais.

Ao se falar sobre juventude, atribuem-se formas recorrentes de representações da mesma como a de potência criativa, de rebeldia, de transgressão, de inconformismo, de beleza, de aventura, de indolência, entre outras (CAÚ, 2017). Também é comum a visão de transitoriedade, de encarar a juventude apenas como um “vir a ser”, sendo, portanto, considerada uma etapa de preparação para a vida adulta e se diminuindo a importância do presente vivido pelos jovens (DAYRELL, 2003).

A juventude, contudo, é uma construção historicamente situada, ou seja, a maneira como a concebemos atualmente não existiu sempre (OLIVEIRA, 2019). A categoria juventude é caracterizada conforme o contexto sócio-histórico em que os sujeitos estão inseridos devendo ser compreendida como um fenômeno social, cultural e não apenas natural (CAÚ; OLIVEIRA, 2019). Nem todas as pessoas de uma mesma idade vão viver esse período da mesma

forma, nem se tornarão adultos ao mesmo tempo, tudo depende de contextos e circunstâncias sociais, geográficas e culturais específicas associadas às dimensões como classe, gênero, raça, religião, região, entre outras. (ANDRADE, 2017). Sendo assim, a juventude é uma fase da vida na qual uma demarcação rigorosa é inviável devido à heterogeneidade dos jovens (LEBOURG, 2015). Segundo Dayrell (2003, p. 42), “a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que esse proporciona.” Ou seja, não há uma única forma de ser jovem e, por isso, a necessidade da noção de juventudes no plural.

Na relação entre escola e juventudes, Andrade (2017) identifica que, como senso comum em nossa sociedade, é atribuída à escola a função de transformação dos indivíduos que nela frequentam. Assim, a escola seria vista como uma via de acesso a bons empregos, conquista de cidadania e autonomia. Essa visão, alinha-se à percepção da juventude como um lugar de passagem da infância para a vida adulta e, portanto, meramente uma preparação para o futuro. Esse olhar sobre a escola faz com que, de uma maneira geral, não tenha importância o que os jovens anseiam no presente, mas sim os efeitos da escola em termos do amanhã. Sendo assim, o distanciamento dos conteúdos da realidade dos jovens se torna comum e se justifica perante a sociedade por esse senso comum de que a obrigatoriedade das instituições escolares é a preparação para o futuro.

Ainda segundo Andrade (2017), um dos problemas, além da questão do distanciamento que se estabelece assim entre a escola e a realidade dos jovens, é que esse discurso parece carregar a imagem de que essa passagem pela juventude para a vida adulta ocorre de maneira igual para todos, de maneira linear e estável, sendo que os tempos que cada um experimenta são muitos diferentes e algumas vezes até opostos. Conforme a autora supracitada:

[...] uma das dificuldades de a escola interpelar seus(suas) alunos(as) e refletir com eles(as) sobre encaminhamentos futuros seja a de lidar

com as diferenças entre os próprios sujeitos jovens e capturar sua multiplicidade, de reconhecer que as noções de futuro que estes(as) possuem não são fixas, nem estáveis, nem iguais, e que tais noções entram em choque com noções de tempo da própria escola. Para um currículo escolar engajado com seu tempo, a fim de dar conta das necessidades do(a) aluno(a) contemporâneo(a), talvez fosse importante ponderar, então, que os entendimentos dos(as) jovens sobre tempo e tempo futuro são diferentes e conflitantes; a escola, grande parte das vezes, incorpora e representa uma noção específica, única e universal de futuro e de juventude. (ANDRADE, 2017, p. 16).

Acaba ocorrendo um desencontro entre o mundo da escola e o mundo real. A escola se torna um ambiente desfavorável de aprendizagem, se baseando num passado (através dos conteúdos apresentados) para tentar conduzir os jovens a um futuro, ignorando o presente e não motivando os alunos a trazerem suas próprias vivências para a escola (TITTON, 2010). Além disso, a escola também idealiza um modelo de jovem (ANDRADE, 2017) através da figura do aluno. De acordo com Dayrell (2007, p. 119), há uma tendência à “naturalização da categoria “aluno”, como se fosse uma realidade dada, universal, identificada imediatamente com uma condição de minoridade, seja da criança ou do jovem, marcada por uma relação assimétrica com o mundo adulto.” Espera-se que os alunos tenham um conjunto de características para desenvolver seus estudos, como disciplina, obediência e pontualidade. Contudo, a categoria de aluno, de acordo com Tilton (2010), também é uma construção social inventada pelos adultos, então não podemos achar que a criança ou o jovem automaticamente saberiam ser um aluno, sem ensinamentos ou investimentos. A condição de aluno é cobrada nos espaços escolares sem ao menos ser definida a partir de propósitos claros e que justifiquem sua existência. Além disso, não podemos separar o jovem do aluno e vice-versa. Devemos ver os estudantes como sujeitos reais, em suas condições reais, biográficas, sociais, culturais, ou seja, como variáveis e desiguais.

Conforme Tilton (2010) é comum que os jovens que chegam ao ensino médio sejam vistos apenas como objetos para a prática pedagógica e não

como sujeitos que tem angústias, desejos, projetos, preferências, experiências anteriores (e muitas fora da escola), que acabam construindo práticas e interagindo de diferentes maneiras com o mundo. Os alunos do ensino médio não são sujeitos sem rosto, sem história, sem origem, sem classe, eles são sujeitos heterogêneos e ao entrar no contexto escolar não podem ser submetidos instantaneamente a um método de homogeneização que busca regular o comportamento imposto a todos os alunos. (CAÚ; OLIVEIRA, 2019).

É necessário perceber os jovens alunos como indivíduos com suas particularidades, principalmente em processos de transição. Esses momentos são marcantes na vida dos sujeitos e necessitam de atenção tanto da família quanto da escola (VECCHIETTI, 2019). De acordo com Azevedo (2017), o processo de transição pode ser facilitado ao se desenvolver intervenções proativas que permitam aos alunos e suas famílias lidarem com o novo ambiente prevenindo ou minimizando os problemas que poderão surgir dessa transição. Andrade (2017) também levanta a questão da necessidade de apoio da escola de conclusão do ensino fundamental para auxiliar e orientar os alunos que irão para o ensino médio. Ao se falar especificamente em ensino médio integrado se faz necessário também uma discussão de como o processo de transição para ele tem ocorrido entre os jovens dentro das características que essa modalidade de educação carrega, bem como maneiras de amenizar as dificuldades que possam ser encontradas por esses jovens em transição, como veremos a seguir.

2 O ENSINO MÉDIO INTEGRADO E AS TRANSIÇÕES

Ao se falar em educação profissional e tecnológica de nível médio (EPTNM), é necessário esclarecer que ela pode ocorrer de maneira articulada ao ensino médio ou de forma subsequente ao ensino médio. Quanto ela ocorre de maneira articulada, ela pode ser integrada ao ensino médio (com uma matrícula única) ou concomitante (matrículas distintas para a educação profissional e o ensino médio, podendo ocorrer numa mesma instituição ou entre instituições parceiras) (BRASIL, 2013). Ao nos referirmos ao Ensino Médio

Integrado (EMI) estaremos fazendo referência à EPTNM em sua forma integrada.

Essa integração, conforme Ramos (2008), não é a simples justaposição do ensino médio com a educação profissional e tecnológica, mas a busca para integrar todas as dimensões da vida, integrar o ensino médio e o técnico, os conhecimentos gerais e os específicos, a teoria e a prática, visando a formação humana integral, propondo-se a levar os sujeitos à autonomia, ao pensamento crítico e à emancipação para que se transforme a sociedade. Conforme Araújo (2014), esse ensino integrado deve ter um sentido de completude, da compreensão das partes pelo todo, sendo uma proposição pedagógica que se compromete com a utopia de uma formação inteira, sem a fragmentação e a sistematização dos conhecimentos que se vê na maioria das instituições escolares brasileiras. Os eixos articuladores da EPTNM seriam o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura, constituindo dimensões indissociáveis para a elaboração de um currículo integrado (BRASIL, 2013).

Em relação à transição para o EMI, os desafios já se iniciam antes da chegada à instituição escolar, pois os estudantes precisam decidir o curso técnico que irão fazer. Alguns alunos já destacam essa escolha como uma situação dramática para eles ou até mesmo traumática quando o percurso escolar foi marcado por episódios negativos. (VECCHIETTI, 2019). De acordo com o exposto até o momento é importante pensar como a população jovem está sendo inserida no EMI, considerando seus anseios e limitações e não apenas a profissionalização. (ANDRADE; CRUZ, 2016). Conforme Jost (2019), chegar a um lugar pouco ou nada conhecido causa estranheza, sendo necessária nessa acolhida aos jovens uma maior atenção, pois no início do curso a insegurança, a sensação de mal-estar e o sentimento de angústia são grandes. Além do ambiente novo, há a adaptação aos novos colegas, aos novos professores, às novas atividades, às novas responsabilidades, à nova rotina, às novas disciplinas etc.

A rotina de muitos jovens que chegam ao EMI é marcada por frustrações, incertezas, questionamentos, mudanças e aprendizagens. Alguns aspectos importantes nessa transição do ensino fundamental para o EMI

incluem: o aumento da carga horária; perda e construção de novos vínculos; alto nível de qualificação dos servidores e professores; maior espaço físico da escola e maior número de pessoas frequentando esses espaços; treinamento para o mundo do trabalho. Além disso, costuma haver uma menor tolerância, maior heterogeneidade, mais regras, maior preocupação com o desenvolvimento de habilidades e menos pessoalidade nas relações com os autores institucionais do que havia nas escolas de ensino fundamental (GOMES, 2018).

Na maioria das escolas de ensino fundamental os alunos permanecem apenas um turno na escola e normalmente essa escola é próxima à sua residência, o que facilita a aproximação entre colegas, professores e a escola como um todo. O currículo no ensino fundamental é, normalmente, organizado por competências para cada área do conhecimento e o número de disciplinas é inferior ao EMI. Sendo assim, a passagem do ensino fundamental para o EMI é uma ruptura para os jovens, o tempo de permanência na escola é maior (turno integral), com uma cultura diferente, com conteúdos sendo concebidos de maneira diferente sendo articulados e relacionados às práticas de trabalho, com uma infraestrutura e espaços ampliados que exigem uma circulação por diferentes salas, setores e outros ambientes de aprendizagem, com um grande número de disciplinas e conseqüentemente de tarefas (JOST, 2019).

As necessidades de estudar e gerenciar o tempo tem sido uma das principais preocupações dos estudantes que ingressam no EMI (GOMES, 2018). Nessa etapa, a organização necessária para conseguir gerir todas as responsabilidades e cobranças vai exigir “dos jovens um comprometimento com horários para acordar, para as refeições, para as aulas e para a realização das diversas atividades letivas e horários de lazer”. (JOST, 2019, p. 86). Além disso, os relacionamentos interpessoais, desempenho acadêmico, motivação com a escolha profissional, entre outros, são apontados como cruciais para a permanência do estudante na instituição (GOMES, 2018).

Como fatores protetivos aos alunos em momentos de transição, Gomes (2018) destaca, como fatores macro: o treinamento dos professores sobre a

cultura e o desenvolvimento dos jovens; o engajamento de encontros entre pais, filhos e professores. Como fatores meso: a conexão de estudantes entre amigos e pares; o foco no senso de pertencimento e nos professores como desenvolvedores humanos. E como fatores micros: o envolvimento de pais e alunos para que eles identifiquem a importância do desenvolvimento social e acadêmico; o trabalho com jovens sobre noção de ansiedade na transição como sendo de certa forma esperada e natural.

Conforme Jost (2019, p. 66), “descobrir como tudo funciona no novo espaço, quem são os profissionais, quais seus ambientes, quais as normas necessárias para o bom convívio social e as orientações didático-pedagógicas” são fundamentais para auxiliar nesse período de transição. Ações de acolhimento, portanto, seriam fundamentais no estabelecimento de laços e encorajamento aos desafios de ingressar no EMI. De acordo com Gomes (2018) é necessário que a escola, a família e a comunidade exerçam funções de suporte aos estudantes em transição, a fim de reduzir a probabilidade de abandono ou fracasso escolar. Atividades para intervenção no processo de transições sistêmicas bem sucedidas devem ser, portanto, abrangentes, devem envolver os pais e devem acolher os estudantes, fazendo esforços para criar um senso de comunidade e pertencimento.

De acordo com Andrade e Cruz (2016), os profissionais da instituição precisam acompanhar os primeiros semestres desses jovens, que muitas vezes entram no EMI e se deparam com a realidade de precisar serem autônomos e proativos. Segundo Jost (2019), é necessário que se dê condições para a construção dessa autonomia e criticidade e, para isso, os profissionais do EMI necessitam ter uma concepção de educação de respeito ao outro, de cuidado e de empatia, com um olhar aos jovens que considere seus conflitos. São necessários espaços e momentos específicos nas instituições de EMI para que se planejem e se organizem ações relacionadas aos ingressantes, bem como um trabalho permanente de motivação aos servidores sobre a necessidade e a importância dessas práticas de acolhimento dentro das instituições escolares de educação profissional e tecnológica.

Pensar em ações que busquem amenizar os efeitos negativos das transições é essencial para o planejamento das atividades, principalmente do primeiro ano do EMI, para que os alunos ingressantes se sintam realmente bem-vindos à instituição e pertencentes a esse novo ambiente, e possam desenvolver-se numa perspectiva de formação humana integral. Devemos considerar, para isso, as características múltiplas das juventudes, seus anseios e limitações, as diferenças entre as etapas de ensino, bem como os objetivos que se busca atingir dentro de um EMI que tem o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico e que busca formar cidadãos autônomos, críticos, emancipados e com verdadeira participação na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto, percebemos que as transições escolares são períodos que envolvem mudanças e adaptações aos estudantes, podendo ser momentos críticos que levam ao crescimento ou à ruptura. Essas transições são significativas, principalmente ao passar de uma etapa da educação para outra, como na passagem do ensino fundamental para o ensino médio, podendo provocar insegurança, queda na autoestima, queda no desempenho acadêmico, aumento da ansiedade e vulnerabilidade ao estresse. O papel das instituições escolares nesses momentos de transição ainda precisa ser melhor investigado. Contudo, as escolas precisam reconhecer a pluralidade dos jovens e sua realidade, percebendo a juventude não apenas como um momento transitório ou de preparação para o futuro, mas dando importância a essa etapa e aos anseios e dificuldades desses jovens, principalmente nesses momentos de transição, onde o apoio da escola e da família se tornam necessários aos estudantes.

Em relação ao ensino médio integrado, que busca uma formação humana integral, a necessidade de um olhar atento aos alunos em transição que estão ingressando na instituição é imprescindível. Esses jovens, normalmente, vêm de um ensino fundamental com uma realidade bem diversa

do ensino médio integrado e precisam de um momento de adaptação ao novo ambiente, para que possam sentir-se realmente bem-vindos e pertencentes à instituição. Sua rotina passa a ser modificada e orientações quanto ao manejo do tempo serão necessárias, bem como entender o funcionamento do novo espaço, conhecer os profissionais e colegas, as normas de convivência social e as orientações didático-pedagógicas. É necessário que se estabeleçam ações abrangentes que envolvam os pais e acolham os alunos dando a eles um senso de pertencimento.

Para que os estudantes construam sua autonomia e senso crítico é necessário ações que os auxiliem nesse processo por parte dos profissionais do EMI, através de uma concepção de educação de respeito ao outro, com uma visão empática que considere os conflitos vivenciados pelos jovens. Para isso é necessário o planejamento e organização de ações dentro das instituições de ensino para acolher e guiar os alunos ingressantes, bem como motivar e orientar os servidores sobre a importância dessas ações dentro da educação profissional e técnica de nível médio. Percebemos a importância da realização de mais trabalhos na área, principalmente aqueles que investiguem os efeitos das transições aos alunos e as ações que possam ser adotadas para minimizar os impactos negativos das transições.

Esperamos que esse artigo sirva como uma semente para uma reflexão sobre como está ocorrendo a transição dos alunos do ensino fundamental para o ensino médio integrado, considerando os desafios encontrados e, também, para que se busquem a práticas que possam auxiliar a diminuir as dificuldades apresentadas. Acreditamos que esse tipo de pesquisa possa ajudar os profissionais da educação na busca de um ensino que auxilie a transformação da sociedade e forneça uma verdadeira formação humana integral a todos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; CRUZ, Juliane Barros. Juventudes e Educação Profissional: um estudo de caso junto aos jovens que cursam o ensino médio integrado ao ensino técnico no IFCE – Campus Fortaleza.

Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 9, n. 3, p. 39-61, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/6750>. Acesso em: 16 dez. 2019.

ANDRADE, Sandra dos Santos. O que fazer ano que vem? Articulações entre juventude, tempo e escola. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 33, p. 1-26, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v33/1982-6621-edur-33-e158274.pdf>. Acesso em: 24 set. 2020.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Práticas pedagógicas e ensino integrado**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. *E-book*. (Coleção formação pedagógica, v. 7).

AZEVEDO, Ana Paula Lima. **Ensino Médio Integrado à Educação Profissional: formação omnilateral ou unilateral?**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22615>. Acesso em: 4 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, DF: MEC, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 26 mar. 2020.

CAÚ, José Nildo Alves. **A juventude do curso técnico integrado em Agropecuária do IFPE: desejos, expectativas e experiências vivenciadas para construção do seu projeto de vida**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/25209>. Acesso em: 26 maio 2020.

CAÚ, José Nildo Alves; OLIVEIRA, Ramon de. Ensino médio: expectativas e repercussões no projeto de vida das juventudes do IFPE. **Geoconexões**, Rio Grande do Norte, v. 1, p. 29-43, 2019. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/3544/pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019

CREPALDI, Erica Taciana dos Santos; CORREIA-ZANINI, Marta Regina Gonçalves; MARTURANO, Edna Maria. No Limiar do Ensino Fundamental: Estresse, Competência e Ajustamento em Alunos do 1º ano. **Trends in Psychology**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 2, p. 503-515, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5137/513754617006/513754617006.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2019.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes?: reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 esp., p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000300022&script=sci_arttext. Acesso em 26 mai. 2020.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000300004&script=sci_arttext. Acesso em: 26 maio 2020.

GOMES, Ramon Cerqueira. **Regulação semiótica no self educacional de adolescentes na transição para o ensino médio profissionalizante: a atuação da exotopia dentre as posições do eu**. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27216>. Acesso em: 27 out. 2019.

JOST, Itagiane. **Ingresso de jovens no ensino médio**: práticas de acolhimento nos cursos técnicos integrados no IFFAR Campus São Vicente do Sul. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, Jaguarí, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1OIXnylvjEUz27JZgFdy-fJBHz10tukgX/view>. Acesso em: 2 jun. 2020.

LEBOURG, Elodia Honse. **Delicadas Travessias**: um estudo de caso sobre jovens em transição para o Ensino Médio no interior do Brasil. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/5446>. Acesso em: 27 out. 2019.

OLIVEIRA, Caíque Diogo de. **Jovens estudantes do ensino médio integrado no Instituto Federal de Salto**: experiências do presente e projetos de futuro. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11320>. Acesso em: 19 dez. 2019.

RAMOS, Marise. **Concepção do ensino médio integrado**. [S. l.: s. n.], 2008. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br.go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf. Acesso em: 31 mar. 2020.

SALES, Paula Elizabeth Nogueira; HEIJMANS, Rosemary Dore; SILVA, Carlos Eduardo Guerra. Análise multinível da transição estudantil do curso técnico para o ensino superior. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 28, n.69, p. 896-925, set./dez. 2017. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/4095>. Acesso em: 16 dez. 2019.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 12, n. 34, p. 152-165, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 27 out. 2019.

TITTON, Maria Beatriz Pauperio. **Egressos do ensino fundamental por ciclos e sua inserção no ensino médio**: experiências em diálogo. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25844>. Acesso em: 24 set. 2020.

VANZUITA, Alexandre; PEREIRA, Alessandro; ZLUHAN, Mara Regina; RAITZ, Tânia Regina. Uma discussão sobre trajetórias escolares na atualidade: do ensino médio ao ensino superior. **Revista Espacios**, [s. l.], v. 37, n. 33, p. 1, 2016. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a16v37n33/16373301.html>. Acesso em: 16 dez. 2019.

VAZ, Ana Carolina de Souza; RIBEIRO, Jamel Junia; CEZAR, Lilian Sagio. Transição escolar de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de escolas localizadas na Comunidade Remanescente de Quilombo da Rasa para o 1º ano de Ensino Médio no Centro da Cidade de Armação dos Búzios/RJ. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO, 5., 2018, Niterói. **Anais** [...]. Niterói: UFF, 2018. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV111_MD1_SA8_ID14_03062018231557.pdf. Acesso em: 16 dez. 2019.

VECCHIETTI, Mirelle Cândido. **As trajetórias entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio na voz dos adolescentes**: um diálogo com a Educação Profissional. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa

Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/1147>. Acesso em: 27 out. 2019.